

Índios madeireiros

Ministros visitam aldeia Xikrin, no sul do Pará, que explora a madeira legalmente



JOSE PAULO LACERDA/AG

O CAIQUE Xikrin puxou o ministro da Justiça, José Gregori, pelo braço para dançar com os indígenas e comemorar o projeto

INSTITUTO	ISA
Documentação	
socialização	
Fonte	Jornal de Brasília
Data	26/10/2000 Pg. B-5
Class.	153

PROJETO, FEITO EM 40 MIL HECTARES, DEVE RENDER R\$ 250 MIL E É ECOLOGICAMENTE CORRETO

CAROLINA NOGUEIRA

Ontem foi um belo dia de índio para os ministros da Justiça, José Gregori, e do Meio Ambiente, Sarney Filho. Eles visitaram a terra indígena dos Xikrin do Cateté, do sul do Pará. A tribo é a primeira do país a realizar a extração de madeira legalmente, com um manejo sustentável que preserva a floresta amazônica e garante maior ganho financeiro para a população indígena. A visita foi uma comemoração da primeira extração feita com a nova técnica. "É o encontro da tecnologia ambiental com a maneira secular que esse povo tem de manejar a terra", comentou o ministro Gregori.

O manejo sustentável, inserido no território Xikrin pela organização não-governamental Instituto Socio-Ambiental (ISA), traçou como estratégia para a preservação ambiental da área a divisão do território indígena para exploração madeireira em 30 partes, a fim de explorar, a cada ano, um desses pedaços. "Aquele pedaço de terra colhido esse ano só voltará a ser explorado daqui a 30 anos - até lá, a floresta já se refez", explicou Nilto Tatto, secretário-executivo do ISA.

No caso dos Xikrins, dos

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	Journal de Brasília
Fonte	
Data	26/10/2000 Pg B-5
Class.	153

439.150 hectares de terra indígena, cerca de 40 mil estão reservados para a extração madeireira. Quando estiver em pleno funcionamento, essa faixa deve render cerca de 7 mil metros cúbicos de madeira por ano, rendendo até R\$ 250 mil para os índios. Esse ano, quando a exploração experimental retirou apenas mil metros cúbicos, a renda líquida ficou em cerca de R\$ 80 mil. "Nós achamos isso muito bom: antes, os madeireiros vinham aqui, tiravam o que queriam e deixavam só um rancho para nós como pagamento", disse o cacique Karangré. "O pior é que viviam dizendo que era sempre

nós que devíamos para eles", completou. Além da madeira, os índios exploram a castanha do pará - que esse ano rendeu uma safra de R\$ 60 mil - e plantam para subsistência.

"O absurdo que acontecia aqui continua acontecendo em todas as outras reservas indígenas", diz o antropólogo César Gordon, do Isa. Segundo ele, os índios eram "pagos" pela madeira com quantidades mínimas de comida, bebidas alcólicas, e até prostituição. "Quando os mais velhos da tribo começaram a perceber que isso estava mexendo com a cultura deles, procuraram a nossa ajuda", explica. A ONG

desenvolveu o projeto de manejo por quase dez anos, até ser aceito pela tribo e aprovado pelo Ibama e pelo Ministério do Meio Ambiente. Hoje, o projeto é financiado pelo governo brasileiro, pelo Projeto Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras - que é mantido pelo G-7 -, pela ONG ISA e pela Companhia Vale do Rio Doce.

Os índios participam da escolha das áreas a ser exploradas, das medições, acompanham a ação dos madeireiros contratados e fiscalizam toda a área, para evitar a entrada de exploradores piratas. "Depois que o projeto começou, eles já

aprenderam vários tratores e moto-serras", disse Tatto, do ISA. "Hoje nós vemos que os madeireiros eram muito ruins para nós", disse o cacique Karangré. "Agora, temos outros companheiros, que são os ministros, o Ibama - não queremos mais eles aqui de jeito nenhum", completou. O ministro José Gregori comemora a tomada de consciência. "Tudo o que eu quero é que essa idéia se expanda para os outros territórios indígenas e para as demais comunidades da floresta", disse ele. "Temos de intensificar essa vigilância para acabar de vez com os piratas da floresta", completou.

José Gregori entra na dança com a tribo

Na hora de comemorar o manejo sustentável da floresta, até o ministro José Gregori entrou na dança. Enquanto a tribo dos Xikrins dançava e cantava, fazendo questão de mostrar sua cultura para os visitantes, o cacique puxou o ministro pelo braço. "Dá para dizer que eu caí na dança", disse o ministro Gregori. "Mas não que eu dancei com eles, pois seria uma heresia dizer que eu posso acompanhar essa peça complexa da cultura deles",

completou, diplomático.

Segundo os antropólogos do ISA, que têm contato direto com a tribo dos Xikrins, os índios quebraram totalmente o protocolo na visita das autoridades. "Não estava previsto o cumprimento de todos os homens da tribo, nem a fala dos caciques", explicou Gordon. "Eles são poderosos: querem mostrar que aqui dentro, fazem o que querem", completou. Assim que os ministros chegaram à tribo, as mulheres

começaram a dançar e cantar e, em seguida, os homens guerreiros chegaram em fila, dançando. As mulheres, que não falam português por terem a responsabilidade de preservar a cultura Xikrin intacta, tiveram a honra de poder entrar na "Casa dos Homens", que fica no centro da aldeia. Depois dos discursos, toda a tribo dançou em fila pela aldeia.

O clima era de celebração, mas o secretário-executivo do ISA não escondeu

sua preocupação. "Até a semana passada, o clima na tribo estava tenso por causa de uma desavença entre os dois caciques", disse Tatto. A tribo dos Xikrin é parente próxima dos Kayapós que prenderam representantes do Incra como reféns há poucos meses. "Quando chegamos e eles estavam assim, todos pintados, não sabia se era sinal de celebração ou guerra", disse ele ao término da festa, aliviado.

Como as tensões ficaram

reservadas aos bastidores, a visita foi descontraída. O lance mais engraçado ficou por conta de uma gafe da presidente do Ibama, Marília Marreco. Na visita da área de manejo, logo depois que os dois ministros plantaram mudas de árvore para simbolizar o apoio ao projeto, Marília se distraiu e pisou nas plantas. Pouca gente viu, mas foi o suficiente para deixar a comitiva do Instituto totalmente embaraçada. (C.N.)

INSTITUTO	
Documentação	
Fonte	Journal de Brasília
Data	06/10/2000
Class.	155
	Pg. 3-5